

# GDF retira invasor do Paranoá

AF - Lago

**William França**

Três barracos desabitados e vários metros de cerca de arame que demarcavam aproximadamente 20 lotes foram retirados na tarde de ontem pela Administração Regional do Paranoá. A ação foi desencadeada depois que o administrador Roberto Gonçalves Jorge recebeu a determinação, por parte da Shis, de evitar que áreas desocupadas do assentamento sejam usadas por invasores e ainda de retirar as pessoas que construíram barracos em lotes que ainda não foram entregues. A Administração do Paranoá não tem dados precisos de quantos lotes foram invadidos, mas estima que são aproximadamente 500 os moradores irregulares.

“Essa medida tem efeito moralizador, pois precisamos evitar que baguncem o trabalho do governo”, explicou o administrador, que coordenou a remoção feita por seis policiais militares e vários funcionários da Administração Regional e da Shis. Sem dispor de dados confiáveis para identificar quem são os verdadeiros beneficiados com os lotes no assentamento, Roberto Jorge promete uma operação “pente-fino”, de lote em lote, para checar a documentação do morador. “Isto vai demorar pelo menos um mês, mas retomaremos os lotes irregulares”, garantiu o administrador que, entretanto, requisitará

ajuda de outros setores. “São mais de oito mil lotes”, justificou.

**Depósito**

A remoção de ontem foi feita na área comercial do conjunto 20, de frente à quadra residencial 32. “Escolhemos aqui porque a invasão está mais ‘escancarada’”, justificou Jorge. Nessa área, o gerente da Distribuidora Rainha Santa Isabel, de materiais de construção, estava descarregando um caminhão de tijolos, num espaço de aproximadamente três lotes cercados por ele há 15 dias. Na área, havia várias madeiras e um depósito de areia. “Meu lote é pequeno, e o presidente do meu sindicato, José Ferraz, disse para eu cercar essa área para fazer meu estoque”, tentou explicar o gerente José João de Souza.

Já o comerciante João Leite Filho tratou de desmanchar logo o barraco instalado próximo à sua loja. “O Pedro, meu contador, comprou fiado o material para fazer o barraco. Como vieram derrubar, tirei antes e recuperei o prejuízo”, contou. Já a doméstica Cleire Maria de Queiroz, que garantiu morar desde 1980 no Paranoá, disse que ficaria “sob uma lona” mas não sairia da área, que ela começou a demarcar ontem com pequenos pedaços de paus. “Só saio daqui com meu lote”, disse no início. Ao término da remoção, Cleire já havia decidido retornar para a casa de sua mãe, onde reside.